

# MAPEAMENTO E ANÁLISE DAS ESPACIALIDADES E FUNCIONALIDADES COMERCIAIS DA FEIRA DE AROEIRAS-PB

**Ana Dayanne Silva Barbosa**

Aluna do Curso de Especialização em Geografia,  
Unidade Acadêmica de Geografia, UFCG,  
Campina Grande, PB, E-mail: dayanne16pb@hotmail.com

**Lincoln da Silva Diniz**

Professor, Doutor, Unidade Acadêmica de Geografia, UFCG,  
Campina Grande, PB, E-mail: lincoln.ufcg@gmail.com

## RESUMO

A dinâmica socioespacial das feiras livres no período atual compreende algo ainda evidente nos espaços comerciais de muitas localidades urbanas, especialmente, de pequenos centros urbanos regionais. O presente trabalho, que constitui uma pesquisa desenvolvida pelos pesquisadores, através do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC/CNPq/UFCG), visa analisar as espacialidades e funcionalidades da feira da cidade de Aroeiras-PB no período atual. No desenvolvimento desta pesquisa, foi realizado revisões bibliográficas sobre comércio e produção do espaço, além de estudos *in loco*. A Feira de Aroeiras compreende um espaço complexo e dinâmico, tendo em vista a diversificação de atividades comerciais (tradicional e modernas), que coexistem e reconfiguram tradicionais práticas de comercializar. A importância que a feira exerce para supracitada cidade remonta as suas origens. Atividade comercial que permeia várias décadas, suprindo e dinamizando a economia de inúmeras localidades urbanas, as feiras ainda representam, na atualidade, os principais espaços de comércio e consumo em pequenas cidades do interior da região Nordeste do Brasil.

**Palavras Chave:** Comércio, Consumo, Feira.

## ABSTRACT

The socio-spatial dynamics of the open fairs in the current period comprises something still evident in the commercial spaces in many urban locations, especially in small regional urban centers. This work, which is a survey developed by the researchers, through the Institutional Program Volunteer of Scientific Initiation (PIVIC/CNPq/UFCG), aims to analyze the spatiality and functionality of the Fair of Aroeiras City (PB) in the current period. In the development of this research, it was conducted literature reviews about trade and production of space, besides *in loco* studies. The fair of Aroeiras comprises a complex and dynamic space, in view of the diversification of commercial activities (traditional and modern), which coexist and reconfigure traditional practices of commercializing. The importance that the fair exerts to the city remounts its origins. Commercial activity that permeates several decades, supplying and boosting the economy of countless urban locations, the fairs still represent, at present, the main areas of trade and consumption in small towns from the interior of Brazil's Northeast.

**Keywords:** Trade, Consumption, Fair.

## 1. INTRODUÇÃO

As feiras<sup>1</sup> são espaços dinâmicos e comuns em inúmeras pequenas cidades interioranas. Mesmo diante de grandes transformações no comércio e no consumo, ocorridas nas últimas décadas, as feiras não perderam completamente o seu caráter tradicional comercial e cultural, bem como a sua influência em localidades urbanas interioranas.

Para Nascimento (2011), o termo feira designa lugar público onde são comercializadas mercadorias, ou seja, é um lugar onde se estabelecem diversas formas de comércio, como: açougues, cerealistas, hortifrutigranjeiros, entre outras formas comerciais.

De acordo com Vieira (2004), a feira livre constitui-se uma prática comercial muito antiga, que garante o suprimento de gêneros alimentícios das cidades nordestinas. Embora percebida como modelo comercial “ultrapassado”, que preserva características medievais, as feiras promovem o desenvolvimento econômico e social, fomentando a economia das pequenas cidades interioranas.

Araújo (2011) defende a ideia de que, apesar de todas as transformações, a feira ainda se constitui como um depositário de valores, expressões, tradições e transformações que ressignificam a todo instante as visões e a memória dos que a frequentam, como um lugar de compra e venda de mercadorias.

Santos (2013) afirma que as feiras livres brasileiras, com destaque as “feiras nordestinas”<sup>2</sup>, tiveram um relevante papel para produção do espaço de diversas cidades, e ainda são responsáveis pelo aparecimento de diversos núcleos urbanos. Ademais, são significativas para compreender a produção do espaço em que algumas cidades brasileiras, com ênfase às pequenas, que se caracterizam pela centralidade que exercem.

Corrêa (2001, p.50) caracteriza as feiras nordestinas pelos seus intensos mercados periódicos, que são definidos por ele como “aqueles núcleos de povoamento, pequenos, via de regra, que periodicamente se transformaram em localidades centrais: uma ou duas vezes por semana, de cinco e cinco dias, durante o período de safra, ou de acordo com outra periodicidade”. Afirma ainda que, fora dos períodos de intenso movimento comercial, muitos destes núcleos “voltam a ser pacatos núcleos rurais, com a maior parte da população engajada em atividades

---

<sup>1</sup>É muito comum também a utilização da expressão “feiras livres” pelas populações que a frequentam. Acredita-se que esta denominação está intimamente relacionada às próprias características destes espaços comerciais, enquanto comércio realizado de forma “espontânea” em ruas, calçadas, praças e terrenos, bem como pelas formas amigáveis de comercialização (sociabilidade).

<sup>2</sup> Denominam-se feiras nordestinas as feiras localizadas em municípios da região Nordeste do Brasil. Há também feiras nordestinas em outras regiões brasileiras, sobretudo, em grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro. Um dos elementos que caracterizam estes tipos de espaços comerciais, diferenciando dos demais, é a existência de produtos típicos desta região, como: artesanatos diversos, produtos alimentícios, arte e literatura.

primárias” (CORRÊA, 2001, p. 50). Desta forma, sendo as feiras importantes pontos de comercialização da economia regional, a sua influência na origem e na vida das cidades interioranas tem um caráter histórico e social determinante.

Ao tratar da sua importância na formação de espaços, Dantas (2008) destaca que em algumas regiões as feiras surgiram como fenômeno primitivo e espontâneo a ponto de muitas cidades terem sua origem relacionada estreitamente com essa forma comercial.

A partir destas considerações, nota-se a importância dessa atividade comercial para formação econômica e social de centros urbanos, principalmente no que diz respeito aos pequenos centros interioranos, como é o caso do município paraibano de Aroeiras<sup>3</sup> (Mapa 1).

No que se trata das atividades comerciais, bem como a formação da cidade, Souza (2009) explica que o desenvolvimento de atividades comerciais que ocorreram em Aroeiras, não diferente de outras sociedades teve início na forma de escambo, ou seja, trocas de mercadorias que ocorria no Sítio Manoelas. No entanto, as atividades comerciais desenvolvidas nessa localidade tiveram prejuízo quando chegou para fazer parte desse novo cenário o senhor Antônio Gonçalves de Andrade, que tendo vindo do estado de Pernambuco edificou sua casa próximo a um riacho, considerado um lugar promissor, o qual mais adiante se tornaria a sede do município.

Souza (2009) explica ainda que o Senhor Antônio Gonçalves era muito popular e conquistou a amizade dos vizinhos, ao organizar várias festas, atraindo a atenção da população e tornando-se o melhor lugar para que fosse realizado a feira na região (que acontecia antes em Manoelas). Andrade (1981) citado por Souza (2009) afirma que:

Assim sendo, depois de uma reunião entre Antônio Gonçalves, os Souza e os Andrade, no domingo, dia 20 de novembro de 1881, organizou-se a primeira feira da nova localidade, sobre uma grande palhoça coberta com palhas de côco Catolé. A existência da feira logo espalhou-se pela região e esta passou a ser denominada “Feira do catolé dos Souza. A denominação não agradou a alguns membros da família Souza, então a feira passou a ser chamada “Feira do Olho D’agua das Aroeiras” depois simplesmente Aroeiras. Assim se originou a localidade, que foi vila e hoje é cidade (p. 20)

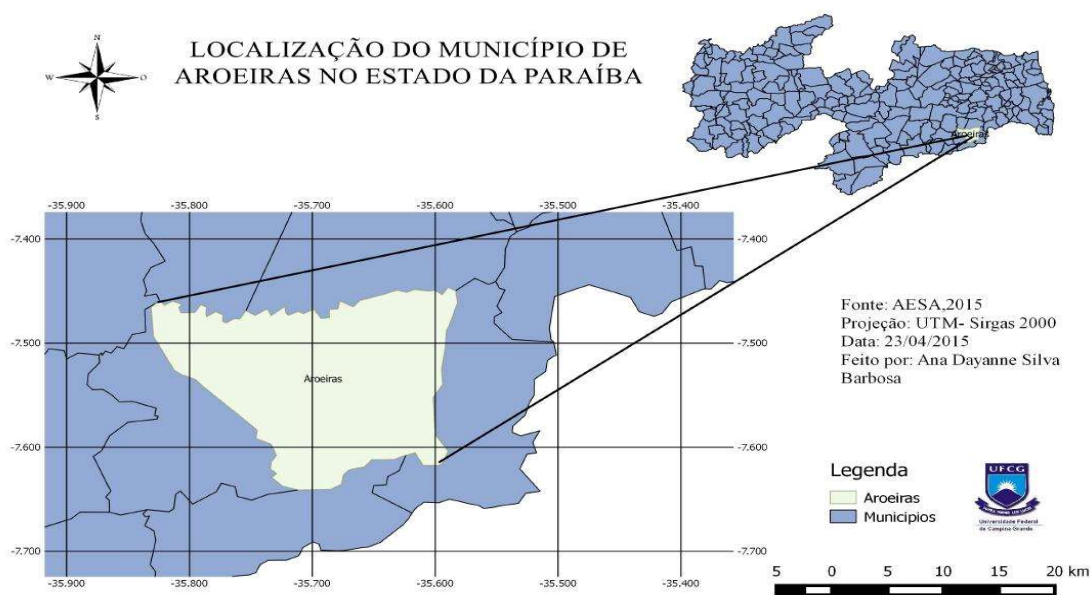
Diante do que foi exposto, nota-se que mesmo a feira sendo uma prática comercial antiga, continua exercendo influência social e econômica. Ao tratar da feira

---

<sup>3</sup> O município de Aroeiras localiza-se no Estado da Paraíba, especificamente no Agreste Paraibano e está incluído na área geográfica de abrangência do semiárido brasileiro. Apresenta uma área de 374 km<sup>2</sup> e uma população de 19.259 habitantes, sendo 9.583 habitantes na área urbana e 9.551 habitantes na área rural (IBGE, 2010). O município localiza-se no Planalto da Borborema, nas coordenadas geográficas de latitude 07º 32' 43" S e 35º 42' 27" W.

no município de Aroeiras<sup>4</sup>, são perceptíveis essas características, tendo em vista que no dia de sábado (dia em que ocorre a feira) há maior movimentação de mercadorias, transportes, capital na economia local. Cabe destacar que é no referido dia que acontecem encontros sociais mais intensos entre os habitantes da própria cidade, zona rural e outras localidades circunvizinhas.

**Figura 1 - Mapa de Localização do Município de Aroeiras- PB**



Fonte: BARBOSA, 2015

Nessa perspectiva, o presente estudo tem como foco analisar e mapear o espaço e as formas comerciais que compõem a Feira de Aroeiras, bem como sua dinâmica funcional no circuito econômico urbano e regional. A partir deste objetivo iremos classificar e mapear os tipos de comércio e serviços concentrados em ruas/áreas que compõem o espaço comercial da Feira de Aroeiras, criar um banco de dados georreferenciado dos espaços e formas comerciais e de serviços existentes nesta e, por último, destacar e analisar as potencialidades socioeconômicas da supracitada feira no contexto urbano-regional no período atual.

## 2. METODOLOGIA

O desenvolvimento teórico-metodológico, bem como os procedimentos a serem trilhados nesta pesquisa enquadra-se, especialmente, nos estudos da Geografia do Comércio e Consumo, enquanto subárea da Geografia Econômica e Urbana.

No que se refere às categorias de análise, teorias e conceitos geográficos adotados nesta pesquisa, além do conceito de **espaço** que é o conceito chave da

<sup>4</sup> Segundo Souza (2009), a primeira feira no município de Aroeiras surgiu em 1881.

geografia, utiliza-se o de **lugar** e **sociedade**, pois observamos a realidade espacial mais próxima às práticas das populações que se interagem e reproduzem constantes dinâmicas sócioespaciais, que ocorre nos tradicionais espaços comerciais de feiras livres.

Para alcançar os objetivos propostos na pesquisa, realizamos uma pesquisa investigativa e analítica, compreendendo três etapas metodológicas:

1. Realização de um levantamento bibliográfico acerca de obras teóricas/estudos que contemplem e analisem o espaço comercial urbano, sobretudo, de feiras livres. A primeira etapa do estudo foi realizada entre os meses de agosto a dezembro de 2014. Além das referências bibliográficas utilizadas no projeto inicial, foram desenvolvidos levantamentos bibliográficos acerca de estudos que analisam o comércio na produção/reprodução de espaços urbanos e regionais, com ênfase especial para estudos de feiras livres no Nordeste brasileiro.

2. Identificação e caracterização das espacialidades e funcionalidades de comércios e serviços da feira livre da cidade de Aroeiras através de pesquisas *in loco*, com o uso de registros fotográficos e mapa do espaço urbano de Aroeiras. Na segunda etapa (concomitante ao levantamento bibliográfico) que compreende o mês de setembro a março (2014/2015), identificamos as principais formas comerciais presentes na referida feira. Durante esse período, foram aplicados os recursos do Geoprocessamento, especialmente, o Programa ArcGIS, como instrumento fundamental para a elaboração e atualização de mapas, georreferenciado áreas/ruas que apresentam concentrações de atividades terciárias.

3. Análises dos dados coletados e elaboração do presente trabalho, revelando, com base em mapas georreferenciados, gráficos e quadros desenvolvidos, a dinâmica atual do espaço comercial da Feira de Aroeiras-PB.

## **2.1 O comércio e as feiras livres na contemporaneidade**

De acordo com Diniz (2011), o comércio é uma atividade econômica de origem milenar, que sempre desempenhou um papel considerável na formação e no desenvolvimento das primeiras sociedades urbanas, principalmente, após o fim do feudalismo e início do capitalismo. A partir do capitalismo, o comércio passa a impulsionar o crescimento das cidades.

Para Salgueiro e Cachinho (2009, p.10), “[...] o comércio faz cidade ao atrair clientes e mercadorias”. Destacando que as relações da atividade comercial com a cidade sofreram naturalmente profundas mudanças ao longo dos tempos. No que diz respeito a contemporaneidade, Pintaudi (1999, p.157) explica que “[...] os espaços comerciais cada vez mais são o produto de uma alta racionalidade na gestão do grande capital [...]”. Dispondo de melhores recursos, as novas formas comerciais,

como os supermercados, mercadinhos, sistemas de franquia etc. sobressaem-se no circuito comercial, constituindo-se em objetos novos, carregados de uma intencionalidade altamente capitalista, de uma racionalidade hegemônica, conquistando, portanto, a preferência de uma grande massa da população consumidora, de diversos níveis socioeconômicos, através, especialmente, do uso da publicidade. Nesse sentido, aponta Santos (2000, p.40) que as empresas comerciais e de serviços “brigando pela sobrevivência e hegemonia, em função da competitividade, [...] não podem existir sem publicidade, que se tornou o nervo do comércio”.

Nesse contexto de intensas inovações, as atividades comerciais das feiras, enquanto atividades pertencentes ao circuito<sup>5</sup> inferior da economia urbana (pois na economia superior enquadra-se os supermercados, hipermercados e redes de lojas), mesmo sofrendo profundas transformações, ainda exercem influências nas dinâmicas econômicas locais e regionais. Sobre o papel destas atividades comerciais tradicionais e numerosas, como explica Santos (2008, p.22) que: “O circuito inferior, formado de atividades de pequena dimensão e interessando principalmente às populações pobres, é [...] bem enraizado e mantém relações privilegiadas com sua região”. As principais características desse circuito são: o lucro de subsistência (geralmente o lucro é voltado para sobrevivência do comerciante e família), o trabalho é fator essencial (no circuito superior o fator essencial é o capital), o emprego é mal remunerado e instável, no entanto não exige uma qualificação, por conta da mão de obra barata e do pouco investimento de capital não é difícil começar um negócio, dentre outros.

Santos (2008, p. 228) afirma que “[...] os elementos essenciais do funcionamento do circuito inferior são o crédito, os intermediários financeiros e o dinheiro líquido”. O crédito é indispensável, tanto para os agentes, como para os consumidores. Para os primeiros porque é a única possibilidade de ingressar ou manter-se na ativa e para os segundos o crédito possibilita o acesso ao consumo. Ao tratar sobre os intermediários, estes têm a função de fornecer o crédito aos comerciantes e artesãos, mais frequentemente em mercadorias, mas também em dinheiro. Por fim, o dinheiro líquido assegura diversas funções dentro do circuito inferior, pois representa os pagamentos que são indispensáveis tanto ao consumidor final, bem como aos comerciantes para obterem novas mercadorias.

---

<sup>5</sup> Santos (2008) divide a economia em dois circuitos: O superior e o inferior. O superior originou-se diretamente da modernização tecnológica, esse comércio moderno realiza-se através de uma gama de estabelecimentos que vão das grandes lojas, supermercados até hipermercados, englobando grande quantidade de produtos e número considerável de consumidores até as lojas que oferecem um pequeno número de artigo de luxo a uma clientela selecionada. As atividades do circuito Superior dispõem de crédito bancário, os preços são geralmente fixos e tem como meta principal alcançar grandes quantidades de lucros. Santos (2008) destaca que “ A atividade do circuito superior tende a controlar a economia por inteiro. Isso é mais particularmente verdadeiro nas cidades de escalão superior. Esse controle é exercido seja diretamente, seja por intermédio do Estado. Quanto ao Circuito inferior, este tende a ser controlado, subordinado, dependente” (p.47)

Ao tratar da feira como atividade comercial pertencente ao circuito inferior, Araújo (2011) afirma que no passado a feira era praticamente o único local de abastecimento que “servia a todo mundo” indistintamente. A única diferença eram os horários. Os pobres frequentavam de “tardezinha”, pois os preços das “sobras” eram mais baratos. No entanto, com a chegada dos novos lugares de consumo (supermercados, shopping Centers) as feiras perderam parte de seus fregueses economicamente favorecidos para esses novos lugares. Cabe destacar, que para os menos favorecidos, a feira continuou sendo a “principal” opção, em função dos preços menores dos produtos. Conhecida como “lugar de pobre”, este espaço comercial se permite ainda a prática da pechincha entre grupos sociais de menor poder aquisitivo.

Ao tratar da feira na contemporaneidade, Araújo (2011) explica que os fregueses buscam as feiras na atualidade para adquirir mercadorias não só mais baratas, mas também para estarem de acordo com o que a moda “exige” ou o mercado consumidor, já que na feira encontram-se cópias de “artigos de luxo”. Diante disso, os feirantes se adequam a dinâmica global, adotando estratégias para permanência de suas atividades. Tal adesão ocorre de forma parcial.

Araújo (2011, p.8-9) afirma ainda que “[...] a sobrevivência das feiras na contemporaneidade deve-se a uma relação dialética entre a transformação, adaptação e permanência, estratégias de resistências aos sujeitos no contexto da globalização”. Com isso, percebe-se que a feira tem se adaptado, em alguns aspectos, as exigências da modernidade, permanecendo atuante entre parcela importante da massa consumidora de baixa renda.

Nas análises de Dantas (2008), as feiras estão profundamente envolvidas nos sistemas de mercado regional. Nesse contexto, muitas das vezes elas deixam de ser um fato rotineiro, para assumir um papel de destaque, sendo, às vezes, difícil de diferenciar até que ponto a feira depende da cidade ou a cidade depende da feira.

Dantas (2008) acrescenta que, quando se observa a dinâmica socioespacial das cidades nordestinas, não se pode negligenciar a importância que as feiras possuem, não apenas para os grandes centros regionais. Mesmo com a difusão de modernos equipamentos de comércio e consumo pelas cidades, as feiras permanecem como um elemento que marcam a paisagem das cidades, em praticamente todos os espaços da região do Nordeste brasileiro, influenciando a dinâmica socioespacial desses núcleos urbanos.

Dantas (2008) afirma que no contexto da formação socioeconômica nordestina a feira livre desempenhou e desempenha grande importância, por ser uma das principais formas de comercialização da produção agrícola, de abastecimento para uma parcela da população. Além disso, ela muda por algumas horas toda dinâmica da cidade em face a movimentação de pessoas que se deslocam, seja de uma residência da cidade, de uma comunidade rural próxima à cidade, de outro município ou até de outros estados, dependendo da dimensão da feira. Diante disso, e através

da pesquisa realizada na Feira de Aroeiras, percebemos que esta exerce grande influência, pois no dia de feira há grande movimentação de pessoas, mercadorias e dinheiro. Além do mais há grande quantidade de comerciantes e consumidores de cidades circunvizinhas que durante anos comercializam na supracitada feira.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Antes de expor os dados obtidos é necessário refletir sobre a formação do espaço, como explica Santos (1997, p. 77): “O espaço é, também e sempre formado de fixos e fluxos, nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas. Tudo isso, junto, é o espaço”. Os fixos aqui representados se referem aos estabelecimentos como mercadinhos, lojas, supermercados, dentre outros, com relação aos fluxos são carros, motos, pessoas, ou seja, o movimento que ocorre na cidade. No que se refere a cidade estudada há grande movimentação (fluxos) no dia da feira. Além do mais, Santos (op. cit., p.78) destaca que a produção, a circulação, a distribuição e o consumo para ser estudados necessitam dos dois elementos: fixos e fluxos, já que “fixos e fluxos interagem e se alteram mutuamente”, dando forma e vida ao espaço.

Ao tratar de economia, Pintaudi (2008, p.124-125), explica que: “Uma forma comercial, para durar, tem de ter capacidade de resistência, precisa ter um sentido, criar raízes, mas para isso ela tem de ser atualizada para dialogar com formas emergentes”. Tal fato é corroborado em inúmeros espaços de feiras livres, como a Feira de Aroeiras, que mesmo possuindo resquícios tradicionais, como: venda de chapéus de couro, candeeiros, fumo de rolo, foices, enxadas, dentre outros artigos artesanais, encontra-se ainda produtos “modernos”, como CDs, DVDs, celulares, equipamentos eletrônicos, confecções e calçados diversos, etc., conforme ilustrado nas Figuras 2 e 3.

Cabe enfatizar que mesmo em meio às transformações ocorridas, “[...] as características que se mantêm nas feiras, os elementos da continuidade em relação às mercadorias são, principalmente três: a diversidade dos produtos, o preço mais acessível e a qualidade de alguns produtos” (ARAÚJO, 2011, p. 05).

Percebe-se, através destes pontos percorridos por Araújo, que a permanência da feira está relacionada ainda com as suas próprias características. Mesmo com a presença de supermercados e mercadinhos na cidade, especialmente, nas proximidades e interior das feiras, estes tradicionais espaços comerciais oferecem condições que contribui na manutenção contínua de fluxos de mercadorias e clientes, como a prática do fiado<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> O fiado constitui um tipo de crédito oferecido pelo pequeno comerciante a alguns clientes. Trata-se de compras para pagamento posterior, sendo este pagamento realizado semanal, quinzenal ou mensalmente.



Figuras 2 e 3: Comércio de produtos industrializados e artesanais na Feira de Aroeiras.



Fonte: Dados da pesquisa 2015.

O comércio da Feira de Aroeiras ainda exerce significativa influência na vida econômica e social dos habitantes locais e de municípios circunvizinhos. É notável que, mesmo com a presença de dois supermercados e mercadinhos diversos, responsáveis por expressiva parte da comercialização de produtos no lugar, constata-se que o comércio tradicional da feira ainda é numeroso e dinâmico (Figuras 4 e 5). Tal fato é comprovado ainda a partir de dados obtidos *in loco* (Tabelas 1, 2, 3 e 4).

Figuras 4 e 5. Supermercado instalado e presença de pequenos comércios na Feira de Aroeiras.



Fonte: Dados da Pesquisa 2015.

A tabela 1 mostra a quantificação dos estabelecimentos comerciais fixos existentes nas ruas onde ocorre a feira livre. Sendo que a feira só abrange uma pequena área da rua Epitácio Pessoa (rua que se localiza o galpão Manoel Bezerra,

local de venda de frutas e verduras). Percebe-se que há uma significativa quantidade de fixos nas referidas ruas, isso porque muitos comerciantes realizaram reformas, transformando residências em locais de comércio, como: farmácias, mercadinhos, panificadoras, supermercados, armazéns, lojas de miudezas, lojas de confecções (muitas comercializam os mesmos produtos vendidos na feira), lojas de calçados, óticas, bares, farmácia veterinária, quitandas, lojas de móveis, lojas de artigos do campo, etc. Destes estabelecimentos, notou-se que a modernização se encontra presente nos comércios fixos na localidade da feira, principalmente através de dois supermercados e lojas de concerto de computadores e venda de celulares.

**Tabela 1** - Estabelecimentos comerciais fixos da Feira de Aroeiras

RUA	QUANTIDADE
Antônio Gonçalves	105
Epitácio Pessoa	30
<b>Total: 135</b>	

Fonte: Dados da Pesquisa 2015

Após a quantificação dos estabelecimentos fixos, contabilizaram-se os periódicos (barracas/bancas), onde foram coletados os seguintes dados, expostos na Tabela 2.

**Tabela 2** - Estabelecimentos comerciais periódicos na Feira de Aroeiras

RUA	QUANTIDADE
Antônio Gonçalves	81
Epitácio Pessoa	76
<b>Total: 157</b>	

Fonte: Dados da Pesquisa 2015

Conforme evidenciado na tabela acima, há 157 estabelecimentos de comércio periódico. Nota-se que a quantidade de estabelecimentos periódicos é superior ao número de comércios fixos existentes nas ruas analisadas, o que comprova a grande importância que esta feira possui para a economia local.

Para transformação dos dados quantitativos, foi necessário estabelecer classificações para agrupar determinados estabelecimentos em uma só categoria, o que facilita a quantificação dos dados coletados em campo. Para cada rua foi criada uma tabela que quantifica os estabelecimentos e indica quais categorias pertencem. Na primeira rua, a quantificação e classificação apontam para o quadro que está na Tabela 3. A tabela 3 trata sobre os estabelecimentos periódicos (que são as barracas/bancas dos feirantes), localizado na Rua Antônio Gonçalves. É possível observar um grande destaque no número de confecções e calçados, seguido por produtos importados, brinquedos e miudezas. Os demais produtos comercializados são em menor quantidade, quando comparados aos dois “ramos” já mencionados.

**Tabela 3** – Quantificação dos Comércios Existentes (Rua Antônio Gonçalves)

TIPOLOGIAS	QUANTIDADES
Produtos Importados, Brinquedos e Miudezas	12
Confecções e Calçados	36
CDs e DVDs	04
Mudas de Plantas	01
Cama-mesa e banho	07
Material escolar	02
Artigos do campo	05
Frutas, verduras e grãos	05
Lanches	07
Fumo	02
<b>Total: 81</b>	

Fonte: Dados da Pesquisa 2015.

Cabe destacar que, quando se refere a confecções e calçados, há uma grande influência de dois importantes polos regionais de confecções, as cidades de Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, ambos localizados no Estado vizinho de Pernambuco. Mensalmente e/ou semanalmente os comerciantes da feira fazem compras nesses polos para revenderem em feiras livres.

Ainda ao tratar sobre a comercialização de roupas e artigos da moda, evidencia-se o que foi constatado por Araújo (2011), quando se trata de adaptações e transformações “sofridas” por essa forma de comércio, pois os feirantes para não perderem seus fregueses, se adaptam, vendendo “imitações” dos produtos comercializados em *Shoppings Centers* e lojas de produtos de marcas. No que diz respeito a produtos importados, como: brinquedos, eletrônicos e miudezas, são os mesmos comercializados em algumas lojas da cidade. No entanto, há uma demanda considerada de consumo destes produtos na feira, em virtude dos preços “menores” (Figuras 6 e 7).

Na segunda Rua, denominada Epitácio Pessoa, apresenta os seguintes estabelecimentos comerciais (Tabela 4). Ao observar os dados desta tabela, constata-se um número significativo de comércios de frutas, verduras e grãos. Tal concentração deve-se a existência de uma ampla estrutura coberta, conhecida pela população local por Galpão Manoel Bezerra (antes no referido funcionava o espaço da antiga rodoviária da cidade). Nesse cenário, ganha destaque também uma nova modalidade de feira, trata-se da existência de uma feira agroecológica, conhecida pelos fregueses como “Feirinha Agroecológica”. Esta feira foi introduzida recentemente, há quatro meses (Figuras 7 e 8). Entre aqueles que comercializam frutas e verduras, há uma grande quantidade de comerciantes oriundos do município de Natuba<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Município paraibano limítrofe com o município de Aroeiras, responsável pelo fornecimento de grande parte das frutas comercializadas, como: banana, uva, manga, mamão, etc.

**Tabela 4** - Quantificação dos comércios existentes Rua Epitácio Pessoa

TIPOLOGIAS	QUANTIDADES
Temperos e ervas medicinais	05
Produtos importados, brinquedos e miudezas	01
CDs e DVDs	01
Frutas, verduras e grãos	48
Confecções e calçados	03
Lanches	10
Cama-mesa e banho	04
Fumo	01
Aves e Peixes	03
<b>Total</b>	<b>76</b>

Fonte: Dados da Pesquisa 2015.

**Figuras 6 e 7** – Vista dos produtos da Feira de Aroeiras.



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

**Figuras 8 e 9** – Feira agroecológica em Aroeiras e Bancas de frutas e verduras.

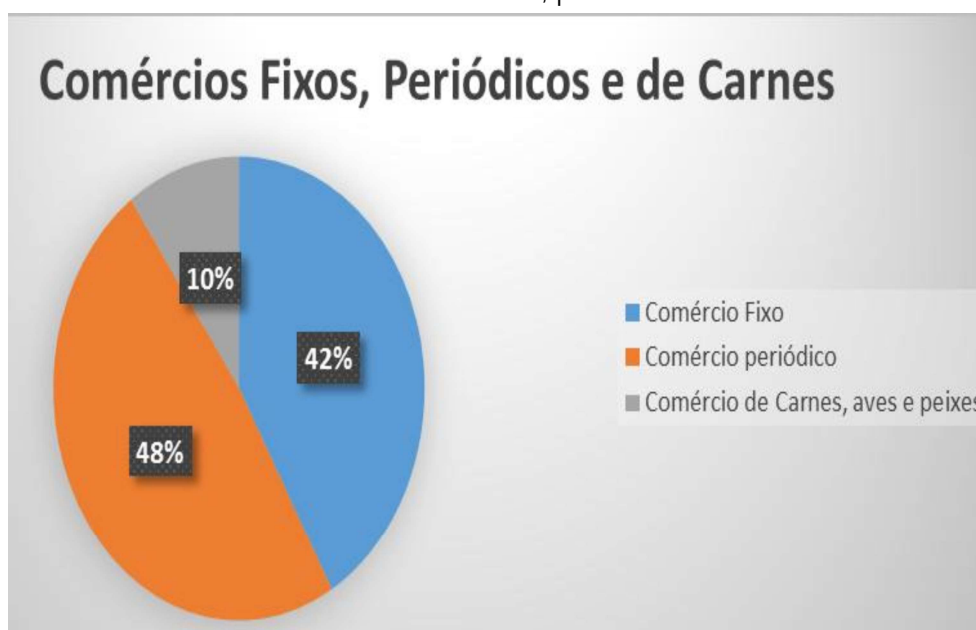


Fonte: Dados da Pesquisa 2015.

Além disso, destaca-se o papel do Mercado Municipal de Carnes, local onde trinta (32) marchantes<sup>8</sup> comercializam carnes, peixes e aves. Esse mercado funciona em dias e horários que a feira funciona. Nele também é possível realizar a “pechincha”, principalmente, quando se aproxima o horário das 12:00 horas, pois a partir deste horário a carne perde valor ou como dizem na expressão popular, a carne “boia” (expressão designada para afirmar também que sobrou carnes) e o preço torna-se mais acessível.

No entanto, é importante observar que essa forma de economia por ser periódica e “móvel” (no sentido, de só se fixarem apenas uma vez por semana), faz com que haja alterações no número de bancas encontradas nas ruas da cidade, ou seja, há sábados que há maiores quantidades de bancas, já outros há uma redução. Isso porque tem comerciantes de outras cidades, que vendem seus produtos no início do mês, período em que ocorre o pagamento dos funcionários da prefeitura e da maioria dos aposentados e pensionistas, gerando, assim, maior movimentação de capital. Tal diferença no número de estabelecimentos periódicos pode variar de 1 a 10. Com isso, a influência da feira já começa a ser destacada a partir do momento que observamos que o número de estabelecimentos periódicos que em conjunto com os estabelecimentos de carnes é superior aos fixos (Gráfico 1).

**Gráfico 1 – Comércios fixos, periódicos e Carnes**



Fonte: Dados da Pesquisa 2015.

Além disso, a movimentação que ocorre todos os sábados mostra o quanto o hábito de ir à feira, bem como o de comercializar permanece enraizado na população aroeirense. Mascarenhas (2009) citando Lefebvre (1991) explica que:

<sup>8</sup> Pequenos comerciantes responsáveis pela comercialização de carnes bovinas, caprinas, suínas, etc.

Estes agentes sociais de ação periódica, os feirantes e “Consumidores” (frequentadores) ocupam a rua, se instalam (...). Realizam, de alguma forma, o sentido original da via pública, lugar não apenas, mas de encontro, de convívio entre alteridades, de trocas materiais e simbólicas, por isso lugar de afirmação de urbanidade. (p. 161)

### 3.1 Transformações e permanências na Feira de Aroeiras: Algumas considerações

Ao comparar os dados sobre a Feira de Aroeiras nos anos de 2009 e 2015, notou-se que ocorreram mudanças significativas, pois no estudo realizado por Souza (2009)<sup>9</sup>, sobre a referida feira, constatou-se que o número de estabelecimentos periódicos encontrado nas duas ruas (Antônio Gonçalves e Epitácio Pessoa), era formado por 185 barracas/bancas. Já os dados obtidos com o presente estudo em 2015, identificaram que houve uma redução para 157 barracas/bancas. Essa redução é explícita, pois mesmo havendo uma pequena variação na quantidade de bancas em cada sábado, como já foi explicado anteriormente, ainda consta um número reduzido nos dados atuais (Gráfico 2).

Diante do que foi explicitado acima, pode-se constatar que essa diminuição pode ter ocorrido com a chegada de dois supermercados na cidade: o Souza e o Central (um foi implantado no ano de 2009 e outro em 2014); pois como afirma Araújo (2011), com a chegada de novas formas comerciais, como os supermercados e hipermercados, a feira perde um pouco dos seus fregueses economicamente mais favorecidos. E isso acarreta numa redução na venda de produtos, fazendo com que comerciantes restrinjam suas vendas no espaço comercial da feira.

No entanto, é importante destacar que:

[...] os menos favorecidos continuaram tendo a feira como “única” opção em função dos preços dos produtos e da impossibilidade financeira de frequentarem os supermercados. Todavia, nas feiras - além de adquirirem os produtos na quantidade que necessitam, sem excessos -, ainda encontram outro atractivo: mesmo com os preços mais baixos, conseguem barganhar, pechinchar ou marralhar as mercadorias. Esta estratégia de aquisição de produtos não alcança sucesso nos equipamentos comerciais. (ARAÚJO, 2011, p. 4).

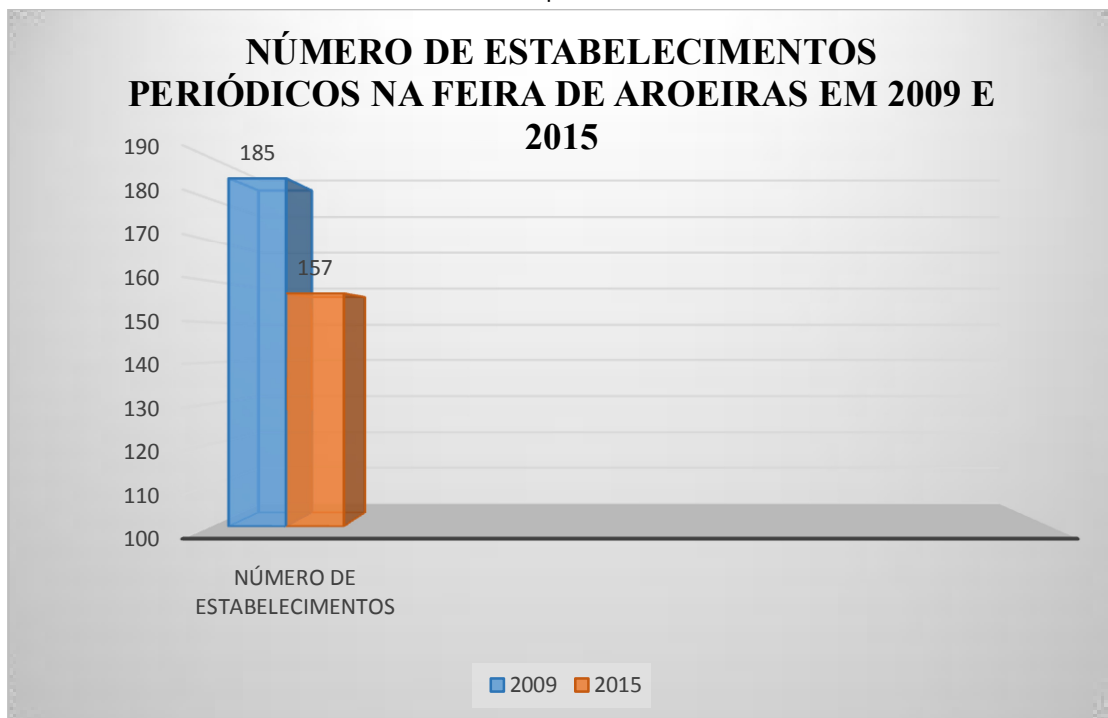
Como percebemos na citação acima que a partir do momento que os feirantes se instalam nas vias públicas em que ocorre a feira, e, por conseguinte, quando os consumidores começam a comprar nesse espaço, gera toda uma dinamicidade, pois

---

<sup>9</sup> SOUZA, Taísa Fernanda de Araújo Silva. Geonálise das dinâmicas sócio espaciais da Feira de Aroeiras, PB: Sua inserção nos circuitos da economia. Monografia (Graduação em Geografia) Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2009.

não só há compra de matérias, mas há um simbolismo envolvido a tal ponto que a feira pode ser considerada um lugar de afirmação de urbanidade.

**Gráfico 2** – Número de estabelecimentos periódicos na Feira de Aroeiras - 2009 e 2015.



Fonte: Dados da Pesquisa 2015.

Além do mais, Araújo (2011) explica que apesar dos fregueses mais economicamente favorecidos terem a feira como segunda opção para aquisição de mercadorias, ainda procuram a feira, principalmente quando é em busca de gêneros não alimentícios, que muitas das vezes não encontram nas novas formas comerciais.

Percebe-se que assim como em demais lugares, a Feira de Aroeiras sofreu impactos com a chegada de novas formas comerciais. No entanto, essa feira permanece atuante na economia da cidade. É na feira que encontramos o “velho” e o “novo”, que fazemos a pechincha, que compramos fiado, que realizamos sociabilidade. De modo geral, as feiras arraigadas às cidades e as novas formas comerciais, por sua vez não tem extinguido esses laços historicamente construídos nos lugares.

Diante disso, constata-se que mesmo em meio às novas formas comerciais, com uma estética mais agradável e que possibilita mais conforto aos seus usuários, as feiras bem como os hábitos de frequentá-la permanecem vivos e fortemente arraigados às populações locais, que aparentemente não possuem interesse em abolir atividades comerciais que possibilitam o acesso a mercadorias de forma mais barata.

### 3.2 Mapeamento e Análise

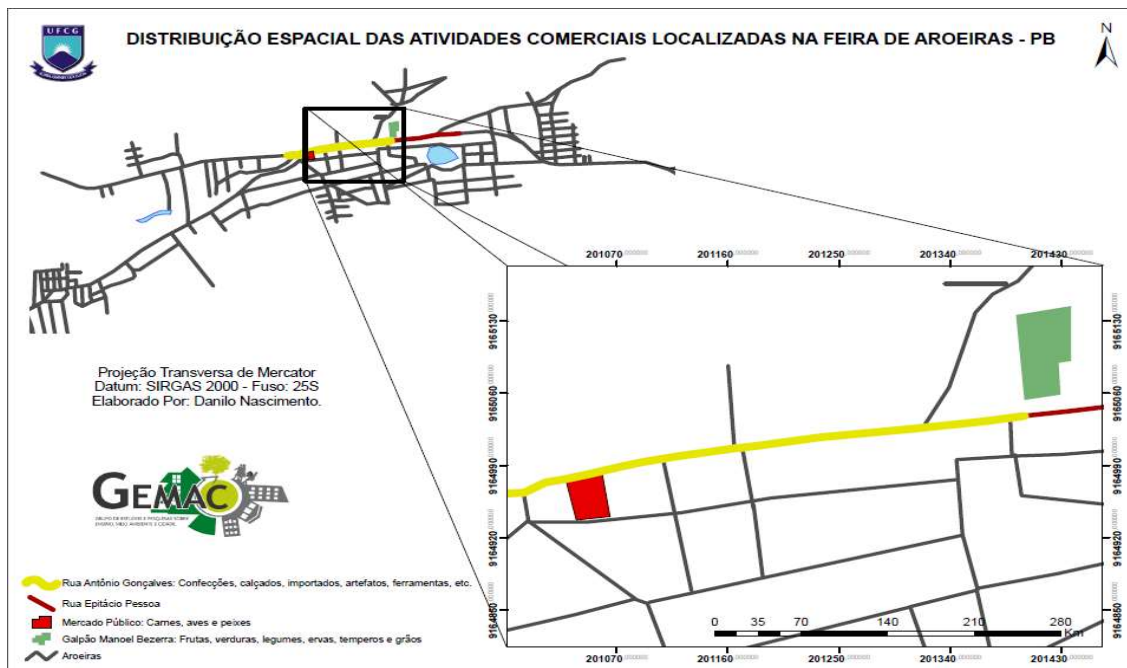
No que diz respeito ao mapeamento das áreas/ruas estudadas, realizamos a partir de dados obtidos por imagens de satélite no *Google Earth*, e logo após, transformado em mapa no Programa *Arcgis*. No mapa podemos notar a extensão das ruas, bem como sua localização. Além disso, nos propicia a visão de onde as principais atividades estão inseridas (Mapa 2).

Percebemos no mapa que houve um recorte não abarcando as ruas por completo, isso porque a feira se retém apenas em parte de duas ruas. Na rua Antônio Gonçalves, destacada na cor amarela, cujas atividades comerciais principais encontradas referem-se ao ramo de confecções e calçados (como citado anteriormente) nos dias de feira as bancas limitam-se até a Praça Souto Maior (principal praça da cidade). Cabe enfatizar que é na referida rua que se encontra o Mercado Municipal de Carnes que possui a cor vermelho no mapa. Além do mais, essa é a principal rua da cidade, no que se alude a pontos comerciais fixos, na mesma encontramos os mais variados tipos de atividades comerciais.

Ao nos referirmos a rua Eptácio Pessoa (cor vermelho escuro) fizemos um recorte na área em que se localiza o Galpão Manoel Bezerra (cor verde) que é o principal fornecedor na comercialização de frutas, verduras, ervas, temperos e grãos.

As demais extremidades das referidas ruas, bem como as ruas próximas em que não há barracas de comércio servem como estacionamento de carros e pontos de mototaxistas. Podemos notar isso nas imagens abaixo.

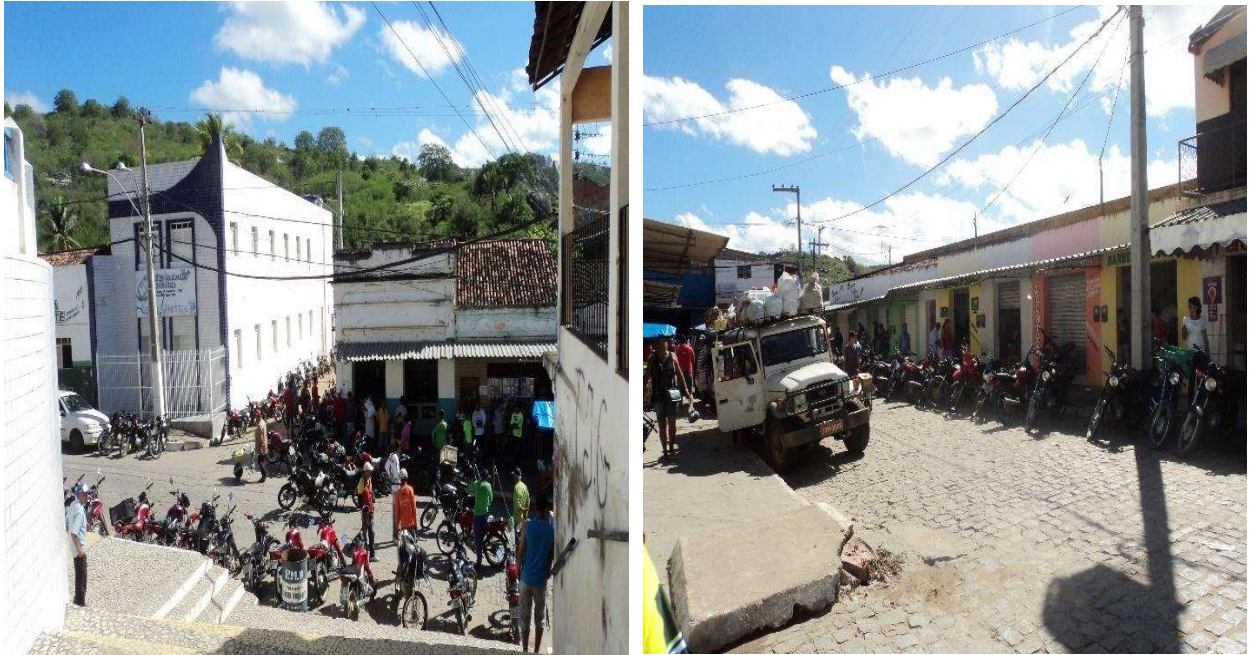
**Figura 10** – Distribuição Espacial das atividades comerciais localizadas na feira de Aroeiras - PB



Fonte: elaborado por Danilo Nascimento, 2015.



**Figuras 11 e 12** - Locais próximos a feira destinados a estacionamento de motos e carros.



Fonte: Dados da Pesquisa 2015.

Ao observar as figuras acima notamos um pouco da dinâmica que a referida feira traz para cidade, pois em um dia normal (dia que não tem feira) de semana não encontramos tantos transportes nas ruas da cidade, nem tanta movimentação de mercadorias e consumidores.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por muito tempo a feira foi vista como o “lugar do pobre” e da falta de higiene, mas sabemos que esta é uma importante mantenedora de gêneros alimentícios em cidades de pequeno, médio e grande porte. É um comércio dinâmico que acopla variedades de atividades comerciais com preços populares, possibilitando uma compra diversificada.

Diante do exposto, afirmamos que mesmo em meio tantas transformações ocorridas nas formas de comercializações, a feira tem sofrido impactos e tem se adaptado. Há uma relação de conflito e coexistências quando tratamos de novas formas comerciais. Hoje é muito fácil encontrar produtos importados nestes espaços, como no caso da Feira de Aroeiras, pois nessa encontramos barracas de venda de celulares, miudezas e brinquedos importados, como também verificamos a venda de chapéus de palha, panelas de barro, foices, ou seja, encontramos o moderno e o tradicional. Cabe destacar que é notável a grande influência que a referida feira exerce para a economia local, pois são nos dias de feira que há maior movimentação na cidade, por conseguinte há maior giro de capital. Além do mais, essa feira também

exerce influência para cidades circunvizinhas, já que encontramos fregueses e comerciantes de cidades como Natuba, Gado Bravo e Umbuzeiro.

De modo geral, no dizer de Mascarenhas & Dolzani (2008, p. 84), “[...] podemos dizer, talvez, que a feira livre seja uma filha rebelde da modernidade que insiste em desafiá-la”. Nesse contexto, esta teve e permanece tendo grande importância para a cidade de Aroeiras, pois ainda exerce grandes influências nas relações comerciais e sociais. No dia de sábado é lugar de encontrar o vizinho, o amigo, o feirante não só para comprar, mas para observar os preços, conversar sobre política, futebol, violência, períodos de chuvas e estiagens, lavoura, gado, entre outros assuntos no âmbito local e global. Há maior movimento de carros e pessoas, dinamizando, por conseguinte, o espaço da cidade.

## REFERÊNCIAS UTILIZADAS

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. As Feiras Nordestinas na Contemporaneidade Como Fenômeno de Resistência Frente ao Global. In: **II Seminário Nacional Fontes Documentais e Pesquisa Histórica: Sociedade e Cultura**. 2011.

BARBOSA, Ana Dayanne Silva; DINIZ, Lincoln da Silva. **Mapeamento e análise das espacialidades e funcionalidades comerciais da Feira de Aroeiras-PB**. (Relatório parcial). PIVIC/CNPq/UFCG, 2015.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias** geográficas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. **Feiras no Nordeste**. Mercator– Revista de Geografia da UFC, ano 07, número 13. 2008. p.88-101.

DINIZ, Lincoln da Silva; A cidade e o Comércio. In: DINIZ, Lincoln da Silva. **As Bodegas da cidade de Campina Grande: Dinâmicas sócio-espaciais do pequeno comércio**. 2ª edição, EDUFCG, Campina Grande, 2011, p. 20-56.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. DOLZANI, Miriam C. S. **Feira Livre: Territorialidade Popular e Cultura Na Metrópole Contemporânea**. In: Ateliê geográfico (revista eletrônica). V.2, agosto 2008, p. 72-87.

MASCARENHAS, Gilmar. Negociando os usos e sentidos da rua: Trajetoria e representações da feira livre carioca. In: CARRERAS, Carles; PACHECO, Suzana Mara

Miranda (Orgs). **Cidade e Comércio**: A rua comercial na Perspectiva internacional. Armazém das Letras, Rio de Janeiro, 2009.

NASCIMENTO, M. J. S. **A dinâmica sócioespacial da feira de Cuité/PB**. Disponível em: [dspace.bc.uepb.edu.br](http://dspace.bc.uepb.edu.br). Acesso em: 26/02/2015 às 14: 30.

PINTAUDI, Silvana Maria. A cidade e as formas do comércio. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.) **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999. p.143-159.

PINTAUDI, Silvana Maria. O consumo do espaço de consumo. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon de; COELHO, Maria Célia Nunes; CORRÊA, Aureanice de Mello (orgs.). **O Brasil, a América Latina e o Mundo**: espacialidades contemporâneas (II). Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ/ ANPEGE, 2008. p.121-127.

SALGUEIRO, Tereza Barata; CACHINHO, Herculano. As Relações Cidade-Comércio Dinâmicas de Evolução e Modelos Interpretativos. In: CARRERAS, Charles; PACHECO, Susana Mara Miranda (ORG). **Cidade e Comércio**: A rua na perspectiva internacional. Armazém das letras, Rio de Janeiro, 2009, p.09-39.

SANTOS, Milton. Configuração territorial e espaço. In: SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. 5ª edição. HUCITEC, São Paulo, 1997, p.75 a 84.

SANTOS, Milton; **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 2ªed. Rio de Janeiro: Record, 2000. 174p.

SANTOS, Milton; **Espaço Dividido**: Os dois circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. 2ª ed. EDUSP, São Paulo, 2008,

SANTOS, Claudio Ressurreição dos. **O Lugar da Feira-livre a Produção do Espaço da cidade Contemporânea**: Mudanças e Permanências. In: X Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE), 2013, p. 764-774.

SOUZA, Taísa Fernanda de Araújo Silva. **Geoanálise das dinâmicas sócio espaciais da feira de Aroeiras, PB: Sua inserção nos circuitos da economia**. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2009.

VIEIRA, R. **Dinâmicas da feira livre do município de Taperoá**. 2004. Monografia. (Trabalho de conclusão do Curso de Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.